

# Arte em preto e branco

*A parceria de dois ídolos que fizeram os brasileiros aplaudirem o cinema nacional*

BRUNO MARTINS, CLARISSA MENEZES, ISABEL RAMALHO E JOÃO CARNEIRO



**P**esourinha e Boca-flor – Uma dupla singular, de personalidades diferentes e um só sucesso. Oscarito e Grande Otelo se tornaram símbolos da chanchada brasileira. Um dificilmente é lembrado sem a presença do outro, o que demonstra a importância dessa parceria. Era o preto e o branco nas telas em preto e bran-

co. Mas o quanto dessa dualidade realmente existiu? As carreiras andaram realmente juntas? E as vidas pessoais, também eram próximas?

A memória de dois dos grandes nomes da dramaturgia brasileira até hoje é revisitada por pesquisadores, cineastas e admiradores em geral. “Pesquisar sobre a dupla Grande Otelo e Oscarito é

obrigação de qualquer estudioso em cinema. A contribuição dos dois para o cinema nacional foi muito importante”, afirma Miguel Pereira, professor de cinema da PUC-Rio e doutor em arte e cinema pela Universidade de São Paulo.

Oscar Lorenzo Jacinto de La Imaculada Concepción Teresa Dias, ou apenas Oscarito, e

Sebastião Bernardes de Souza Prata, ou simplesmente Grande Otelo, foram os dois maiores nomes da chanchada brasileira. O movimento, baseado em filmes com tom de comédia musical, que foram produzidos em sua maioria no Rio de Janeiro, entre os anos 1940 e 1960, tornou-se um fenômeno de bilheteria e objeto de adoração popular.

Fundada em 1941 por Moacir Fenelon, Alinor Azevedo e José Carlos Burle, a Atlântida foi a mais bem sucedida iniciativa de se criar uma empresa cinematográfica que garantisse a continuidade da produção. As produções da época constituíram um momento único na nossa cinematografia, quando multidões eram atraídas para as salas de cinema, garantindo a sobrevivência industrial dessa arte no país. Foi graças às chanchadas que o cinema nacional conseguiu produzir 300 obras entre 1950 e 1960.

Mas o sucesso absoluto de bilheterias não foi suficiente para a unanimidade: os críticos e intelectuais se uniram com o objetivo de propagar a idéia de que o valor artístico dessas obras era nulo. “O que se criticava muito não era o conteúdo da chanchada, mas a forma de produção”, explica Miguel Pereira. Essa visão prevaleceu e, até hoje, o preconceito intelectual com as chanchadas permanece. No *Dicionário Aurélio*, a definição de chanchada aparece como peça ou filme sem valor, em que predominam os recursos cediços, as graça vulgares ou a pomografia. Definição insuficiente para um movimento que fez,

**“São dois grandes atores com tempo de comédia e que tinham o maior respeito um pelo outro.**

**Eles jamais se prejudicaram, pelo contrário, eles se ajudavam. Tinham uma química estrondosa”**

Miryan Thereza

pela primeira vez, o brasileiro rir de si mesmo e aplaudir algo que era parte indiscutível de nossa produção cultural.

Através das chanchadas o homem normal, sem *glamour*, saiu do anonimato e chegou às telas. Mitos do cinema foram quebrados, na medida em que a fronteira entre mocinhos e vilões se diluía. Diminuíam, também, os preconceitos e o maniqueísmo. Surge o anti-herói e a malandragem carioca – uma crítica de costumes. “A influência da chanchada na construção de uma identidade brasileira foi importante, mas se esgotou rapidamente, pois as questões sociais têm uma imediatez em si”, argumenta o pesquisador Miguel Pereira.

Ainda segundo Miguel, as atuações de Oscarito e Grande Otelo nos filmes de chanchada tiveram grande parcela de responsabilidade no apelo junto ao público. “A chanchada acabou usando o talento deles, que transcendia a produção da época. Foi essa transcendência que fez com que eles também participassem do Cinema Novo”. Grande Otelo participou de filmes como *Rio*

*Zona Norte* (1957), de Nelson Pereira dos Santos e *O assalto ao trem pagador* (1962), de Roberto Farias, além da produção tropicalista *Macunaíma*” (1969), de Joaquim Pedro de Andrade.

No entanto, foi a parceria entre os dois artistas que realmente fez história. Os comediantes ganharam tanta fama que eram chamados por alguns de “O Gordo e o Magro brasileiros”, com a diferença de que aqui, a oposição física estava na cor e não no peso. “Com apenas poucos filmes feitos, todo mundo lembra como se fosse uma dupla que tivesse feito 40 filmes. A dupla tem uma imagem muito forte, um é associado ao outro”, conta Miryan Thereza, filha de Oscarito.

Cada um com seus trejeitos, eles foram conquistando o público e, em alguns casos, até a crítica. Um passo de dança que terminava sempre com um pulinho com os dois pés para trás imitando passos de um malandro, chamado de tesourinha, essa era uma das marcas registradas de Oscarito. Enquanto Grande Otelo preferia mandar beijos com uma careta apelidada de boca-flor. Fora das telas eles não tinham tanta afinidade. “Não tinham amizade fora do trabalho. Papai tinha uma vida completamente diferente da do Otelo”, informou Miryan.

Os trabalhos em conjunto foram responsáveis pelo auge da carreira dos dois. “O grande diretor da chanchada, Watson Macedo, foi quem percebeu essa grande sintonia. Os dois atores tinham densidade em suas interpretações”. Ainda segundo Miguel, Grande Otelo tem a van-

tagem de ser ele mesmo em suas interpretações e Oscarito tinha a leveza do circo em seu trabalho. “A presença de Grande Otelo é surpreendente. E ele soube aproveitar o espaço dele, sem tirar o brilho do Oscarito”, completa. Miryan também revela que os dois são excelentes comediantes.

“São dois grandes atores com tempo de comédia e que tinham o maior respeito um pelo outro. Eles jamais se prejudicaram, pelo contrário, eles se ajudavam. Tinham uma química estrondosa”, disse a atriz.

A dupla em preto e branco também não podia deixar de le-

vantar a discussão sobre a questão racial em seus filmes. De uma forma muito sutil, os paradigmas eram desfeitos e a questão abordada de forma leve e quase imperceptível. No filme *Camaval no fogo*, de 1949, Grande Otelo interpreta o papel de Julieta e Oscarito, o de Romeu,

## A chanchada de Oscarito e Grande Otelo

Confundida com a pornochanchada, que veio anos depois, a chanchada é um tipo de comédia com linguagem popular e sem qualquer compromisso político ou ideológico. Tem uma conotação depreciativa e é, muitas vezes, definida como comédia vulgar e sem valor. Um dos recursos utilizados era a paródia, com imitações grosseiras, elementos de humor *nonsense* e de ridículo. Os filmes, geralmente, seguiam temas carnavalescos e tinham o Rio de Janeiro como cenário.

Foi na década de 1950 que o movimento atingiu seu auge, justamente no período em que Grande Otelo e Oscarito mais contracenaram: de 1945 a 1955, quando atuaram juntos em 13 filmes.

Neste período, mesmo com a total reprovação da crítica de cinema, a chanchada era preferência nacional e era comum vermos filas dobrando quarteirões em frente aos cinemas. Havia grandes expectativas em torno dos lançamentos, principalmente nos filmes do fim de ano, que promoviam as marchinhas do carnaval.

Em *O mundo como chanchada* (Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1993), Rosângela de Oliveira Dias descreve que o Brasil tinha, em 1952, o sétimo ingresso mais baixo da América Latina e estava entre os 10 países com maior número de salas de cinema e público espectador. No Rio de Janeiro, ao final da década de 1950, havia 300 salas de cinema, enquanto em meados da década de 1990 eram menos de 100, segundo a autora.

Foi a Atlântida, que conseguiu impor um ritmo industrial à produção, seguindo fielmente o cronograma e os prazos para o lançamento dos filmes. O



grande sucesso que obtiveram, no entanto, foi em função da identificação do público com os personagens da chanchada. O Brasil, até a década de 1940, ainda se encontrava numa crise de identidade cultural, carente de mitos nacionais e mantendo-se numa relação de dependência cultural dos Estados Unidos.

Com a tomada do desenvolvimento econômico, a partir desse período, cresceu o orgulho e a auto-estima nacional. Implantou-se a indústria de base no país, com a inauguração da Vale do Rio Doce e da Companhia Siderúrgica Nacional. Nomes como Oscar Niemeyer, com obras no mundo todo e Portinari, com painel exposto na ONU, se tornaram va-

lores nacionais. Redescobrimos Jorge Amado, já traduzido em vários idiomas.


A chanchada, que é fruto desse momento histórico, foi importante para nosso desenvolvimento cultural. As paródias aos filmes *hollywoodianos*, involuntariamente, foram uma forma de resistência, quando o brasileiro construiu uma imagem de si mesmo e se auto-criticou. Dessa forma, ela colocou em dúvida conceitos e preconceitos que não poderiam ser instruídos sem o riso.

Quando as chanchadas deixam de ser exclusivamente carnavalescas, e passam a ter um tom mais debochado, parodiando o cinema americano e a política nacional, quem dominou foi o diretor Carlos Manga. Manga, que valorizava a fotografia e os aspectos técnicos, começa em 1953, com a melodramática história de *Dupla do barulho*. Os seus *Nem Sansão nem Dalila* (1954), e *O homem do Sputnik* (1959) são considerados os melhores filmes dessa época.

contrariando qualquer tipo de padrão cultural. “Existe uma subversão que desconstrói um conceito de raça pré-estabelecido. Você olha e diz: genial isso, não existe racismo nessa cena!”, comenta Miguel Pereira.

A questão do racismo acaba sendo dissolvida pela parábola.

O pesquisador afirma que os atores foram verdadeiros diluidores de valores. “Em cada papel que interpretam, eles são mocinhos e bandidos o tempo inteiro”. Apesar disso, não era possível fugir totalmente desses estigmas. “Pelo que me lembre, o Grande Otelo carregava em

seus papéis, um pouco mais de características de pobre do que Oscarito”. Já Miryan diz que nenhum deles carregou qualquer estigma. O que não podemos negar é que os dois artistas são sinônimos de brasilidade, símbolo da raça e da mistura do país. 

## Um pai tranquilo e tímido

“Papai não tinha graça e adorava ficar com a família. Era um homem dono de casa, do lar. Não tinha nada a ver com o Oscarito da tela e do palco”, foi com essas palavras que a atriz Miryan Thereza definiu o artista. Diferente da vida agitada de Otelo, que enfrentou vários dramas familiares, Oscar Lorenzo gostava de se refugiar com a esposa e os filhos. Aniversários, natal, ano novo, tudo era motivo para reuniões e festas. “Era uma loucura, sempre tinha muito gente. A família toda convergia lá em casa”.

O fenômeno das chanchadas arrastava multidões ao cinema e Oscarito e Grande Otelo eram adorados pelo público. “Tiveram filmes lançados às 24h do dia 31 de dezembro. As filas dobravam esquinas, davam voltas no quarteirão”, informou a atriz. E quando apareciam na rua era uma loucura. “Na época do auge, ele se disfarçava todo para sair: colocava chapéu e arrumava bigode. Eu não suportava sair com ele, pois a gente não andava. As pessoas queriam que ele fizesse o passinho da tesoura”, completou.

Mesmo não concordando, o comediante acabou influenciando a filha na escolha da profissão. “Ele queria que eu fosse professora porque a vida de ator é muito instável. Mas eu bati pé, acho que estava na genética. Depois ele aceitou, formou uma companhia de comédia que foi onde tive minha estréia e ainda fizemos cinema juntos. Jamais foi pai no trabalho, ele era meu colega e me respeitava”. Miryan também já fez bastante teatro infantil, dublagens e seu trabalho mais recente foi o espetáculo *Os aposentados*, que ficou em cartaz no Rio de Janeiro em 2005.



Para Miryan Thereza *A dupla do barulho* é o melhor e o primeiro filme da dupla. O longa é também o primeiro dirigido por Carlos Manga e conta a história de uma dupla de artista mambembe que percorre o país em busca do sucesso e da fama. Oscarito e Grande Otelo são Tônico e Tião e atravessam o Brasil fazendo as pessoas rirem. No caminho, as dificuldades surgirão.

Em *Matar ou correr*, dirigido por Carlos Manga, Oscarito e

Grande Otelo são dois forasteiros. Kid Bolha e Ciscokada acabam prendendo o bandido Jessé Gordon. O clima do longa foi criado em Jacarepaguá, onde se construiu uma réplica de cidade do velho oeste. Paródia ao clássico faroeste *Matar ou morrer*, de Fred Zinnemann, o filme foi o último da dupla.

Em *Crônica da cidade amada*, de Carlos Hugo Christensen, o Rio de Janeiro é visto pelo olhar dos cronistas Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Paulo Rodrigues e Orígenes Lessa, entre outros. É o último filme em que Grande Otelo e Oscarito aparecem no elenco, porém eles não atuam como a dupla que fez tanto sucesso, mas em episódios separados.

Em 2006 foi comemorado o centenário de nascimento de Oscarito. Para Miryan é fundamental resgatar e preservar a memória desses dois comediantes. “Eles marcaram uma época, são referência. Quem levou o povo ao cinema foram eles, essas ditas chanchadas. Isso fez sucesso. Depois veio o Cinema Novo com filmes muito bons, mas houve um esvaziamento do público”.

## Filmografia da dupla



Matar ou correr

**Noites cariocas (1936)**  
**Céu azul (1940)**  
**Não adianta chorar (1945)**  
**Fantasma por acaso (1946)**  
**Este mundo é um pandeiro (1947)**  
**É com este que eu vou (1948)**  
**E o mundo se diverte (1948)**  
**Carnaval no fogo (1949)**  
**O caçula do barulho (1949)**  
**Aviso aos navegantes (1950)**  
**Carnaval na Atlântida (1952)**  
**Três vagabundos (1952)**  
**Barnabé tu és meu (1952)**  
**A dupla do barulho (1953)**  
**Matar ou correr (1954)**  
**Nem Sansão nem Dalila (1955)**  
**Crônica da cidade amada (1964)**



Carnaval no fogo



O mundo se diverte

## Breve cronologia de Oscarito



**1906** - Oscar Lorenzo Jacinto de La Imaculada Concepción Teresa Dias nasce, na cidade de Mala, na Espanha, no dia 16 de agosto;

**1907** - Oscarito se muda para o Brasil junto com a família, quando ainda tinha um ano de idade;

**1911** - Estréia no circo, ao lado de toda a família, numa adaptação do livro *O guarani*, de José de Alencar;

**1932** - Se destaca nos palcos, satirizando Getúlio Vargas, na peça *Calma, Gegê*;

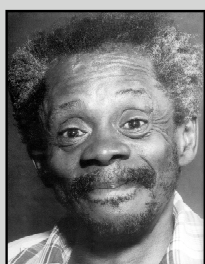
**1933** - Ano de sua primeira aparição nas telas, no filme *A voz do carnaval*;

**1940** - Começa a filmar na Atlântida. É quando tem início sua parceria com Grande Otelo;

**1956** - O filme *O colégio dos brotos*, é visto por mais de 250 mil espectadores na primeira semana de exibição;

**1970** - Morre no Rio de Janeiro a dez dias de completar 64 anos.

## Breve cronologia de Grande Otelo



**1910** - Grande Otelo nasce Sebastião Bernardes de Souza Prata na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais;

**1932** - Entra para a Companhia Jardel Jércolis (pai do ator Jardel Filho e um dos pioneiros do teatro de revista), e ganha o apelido que o consagrou;

**1935** - O primeiro filme do ator, *Noites cariocas*, é lançado;

**1942** - Participa de *It's all true*, projeto cinematográfico de Orson Welles no Brasil, que nunca foi finalizado;

**1949** - Quando filmava *Carnaval de fogo*, um de seus maiores sucessos, uma tragédia abalou a vida do artista. Sua esposa matou o filho do casal e se suicidou. Ele só veio a saber do fato logo após gravar a famosa cena de paródia de Romeu e Julieta. Só conseguiu assistir ao filme 30 anos depois;

**1969** - Encarna *Macunaima* na transposição de Joaquim Pedro de Andrade para as telas do clássico literário de Mario de Andrade. O "herói sem caráter" das telas foi um marco do Cinema Novo;

**1977** - Estréia *Lucio Flavio, passageiro da agonia*, de Hector Babenco, em que tem a chance, mais uma vez, de mostrar seu talento para dramas;

**1993** - Morreu de um ataque fulminante de coração, quando estava a caminho de Paris, para receber uma homenagem em Nantes.